

Desenho didático online na pós-modernidade: percepções da formação continuada em tempos de pandemia

*Online didactic design in post-modernity: perceptions of continuing education in pandemic times*

*Diseño didáctico en línea en la posmodernidad: percepción de la formación continua en tiempos de pandemia*

Roney Gusmão do Carmo<sup>1</sup>  
Eniel Espírito Santo<sup>2</sup>  
Tatiana Polliana Pinto de Lima<sup>3</sup>  
Katia Silene Ferreira Lima Rocha<sup>4</sup>

**Resumo:** Neste artigo discutimos criticamente a formação docente no contexto da pós-modernidade para as tecnologias digitais, considerando as demandas impostas pela pandemia Covid-19. O objetivo do estudo é analisar as percepções de docentes que participaram do curso “Desenho Didático Online”, oferecido pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, refletindo-se sobre a formação continuada dos professores para as tecnologias digitais com vistas o desenvolvimento das competências digitais docente diante das demandas impostas pelo ensino online em tempos de pandemia. Configura-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, por meio de um estudo de caso contemplando-se a observação participante e a descrição do formulário de avaliação, preenchido por 97 participantes. O curso possibilitou uma atitude reflexiva entre os participantes (96,8%) ao articular a teoria e prática (90,8%). Entre as dificuldades apontadas verificamos o prazo exíguo para a realização das atividades (66,6%), administração do tempo (32%) e questões relacionadas com o ambiente virtual de aprendizagem e acesso à internet (20,8%). Concluímos que a práxis docente crítico e reflexiva nesta pós-modernidade exige a capacidade de reinventar-se continuamente, sendo o planejamento do desenho didático crucial nesse fazer pedagógico online, especialmente num contexto capitalista hegemônico marcado pela precarização do trabalho docente.

**Palavras-chave:** Desenho didático Online. Formação continuada docente. Pandemia Covid-19. Pós-modernidade.

**Abstract:** In this text, we critically discuss continuing teacher education in the context of post-modernity for digital technologies, considering the demands imposed by the Covid-19 pandemic. The objective of the study is to analyze the perceptions of professors who had participated in the course named “Online Didactic Design,” offered by the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reflecting on the professors continuing education for digital technologies in order to develop digital teaching competences in the face of the demands imposed by online teaching in pandemic times. It is an exploratory and descriptive research with a qualitative approach through a case study contemplating participants’ observations and the description of the course evaluation form completed by 97 participants. The course enabled a reflective attitude among the participants (96.8%) by articulating theory and practice (90.8%). Among the difficulties pointed out, we verified the tight deadline for the activities (66.6%), time management (32%), and issues related to the virtual learning environment and internet access (20.8%). We concluded that critical and reflective teaching practice in this post-modern age requires the ability to reinvent oneself continuously, and the

- 1 Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade, Professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
- 2 Doutor em Educação, Professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
- 3 Doutora em Educação, Professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).
- 4 Doutora em Matemática, Professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

*planning of didactic design is indeed crucial in this way of teaching online, especially in a hegemonic capitalist context characterized by the precariousness of teaching work.*

**Keywords:** *Online didactic design. Continuing teacher education. Covid-19 pandemic. Post-modernity.*

---

**Resumen:** *En este artículo se discute críticamente la formación del profesorado en el contexto de la posmodernidad de las tecnologías digitales, teniendo en cuenta las exigencias impuestas por la pandemia de Covid-19. El objetivo del estudio es analizar las percepciones de los profesores que participaron en el curso "Diseño didáctico en línea", ofrecido por la Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reflexionando sobre la formación continua de los profesores para las tecnologías digitales con vistas al desarrollo de las competencias digitales docentes ante las exigencias impuestas por la educación en línea en tiempos de pandemia. Se configura como una investigación exploratoria y descriptiva, con enfoque cualitativo, a través de un estudio de caso que contempla la observación participante y la descripción del formulario de evaluación, cumplimentado por 97 participantes. El curso permitió una actitud reflexiva entre los participantes (96,8%) al articular teoría y práctica (90,8%). Entre las dificultades señaladas se verificó el corto plazo para realizar las actividades (66,6%), la gestión del tiempo (32%) y cuestiones relacionadas con el entorno virtual de aprendizaje y el acceso a Internet (20,8%). Concluimos que la praxis docente crítica y reflexiva en esta posmodernidad requiere la capacidad de reinventarse continuamente, siendo la planificación del diseño didáctico crucial en esta práctica pedagógica online, especialmente en un contexto capitalista hegemónico marcado por la precarización del trabajo docente.*

**Palabras-chave:** *Diseño didáctico en línea. Formación continua del profesorado. Pandemia de Covid-19. Posmodernidad.*

---

## INTRODUÇÃO

O isolamento social resultante da pandemia Covid-19 impactou sobremaneira a prática pedagógica em diversos espaços educativos. Tais impactos foram mais fortemente sentidos por professores e alunos, que, quando repentinamente se viram arremessados para os cenários e os ambientes virtuais de aprendizagem, sentiram-se na iminente necessidade de desenvolver competências digitais específicas. Tal realidade acabou suscitando diversos debates em torno do ensino remoto, incluindo, tanto pesquisas imbuídas da meta de defendê-lo como aliado dos processos formativos, como também pesquisas que objetivavam denunciá-lo como vetor de precarização do trabalho docente, processo que já se mantinha em curso no Brasil desde fins do século XX.

De fato, o debate epistemológico ocupado com variáveis correlatas à educação a distância não é tão novo assim. A novidade, no entanto, tem sido a incorporação das interfaces digitais educativas na modalidade presencial de educação, cujo processo foi acelerado pela

realidade pandêmica instaurada desde início de 2020. Com isso, tornaram-se inevitáveis associações entre a prática educativa *online* com os desconfortos provocados pela pandemia e com o adensamento de políticas neoliberais dentro da educação nos últimos anos. Tais associações acabam contribuindo para distorcer o olhar de muitos docentes sobre as possibilidades dos espaços virtuais de ensino, além de ofuscar a potência educativa das interfaces digitais no atual contexto.

Outra discrepância que merece ser problematizada diz respeito ao fato de que muitos modelos presenciais de educação não admitiam, até muito recentemente, a incorporação de trabalhos *online*, fato que contrastava com a prática social dos atores da educação fora dos espaços escolares. Vale observar que, mesmo com a sociabilidade cada vez mais mediada pelas virtualidades, grande parte dos sistemas educacionais presenciais tratavam as tecnologias meramente como uma espécie de adorno encapsulado no laboratório de informática. Isto é demonstrado pela pesquisa do Instituto Península (2020), com professores de escolas públicas e privadas, revelando que 83% dos docentes pesquisados não se sentiam preparados para ensinar

*online*, 90% informaram que nunca tiveram qualquer experiência com EaD e 55% sequer participaram de formação continuada com vistas a prática docente não presencial. Triste realidade da formação continuada docente para a utilização das tecnologias digitais, fato que, ao nosso ver, agrava o distanciamento da prática pedagógica em relação ao contexto social dos discentes.

Dentre os muitos aspectos limitantes para a atuação docente nos ambientes virtuais, encontramos a estruturação do desenho didático *online*, que frequentemente se apresenta como mera transposição de práticas pedagógicas do ensino presencial, especialmente nestes tempos da pandemia Covid-19. Este fato acaba inviabilizando a potência emancipatória da educação porque reproduz um modelo pedagógico tradicionalista sob a máscara da inovação.

Considerando a urgência de suprir tais lacunas em tempos pandêmicos, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), implementou o Programa de Formação em Tecnologias Digitais para a Comunidade UFRB, consistindo na oferta de cursos e webinários destinados aos professores e técnicos da instituição, visando o desenvolvimento de competências digitais para a implementação do ensino *online*.

Neste contexto, o estudo de que trata este artigo tem por objetivo analisar as percepções de docentes que participaram do curso Desenho Didático *Online*, oferecido pela UFRB no âmbito do programa de formação, refletindo criticamente sobre as demandas impostas na pós-modernidade ao campo da educação e evidenciadas, sobretudo, durante a pandemia Covid-19.

## **2 REFERENCIAL: EDUCAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Interessado em compreender a arquitetura do poder, Foucault (2000) chama as sociedades modernas de sociedades de controle, observando que o biopoder neste contexto visa sincronizar os corpos ao *modus operandi* do sistema. Apesar de admitir a resistência como

efeito-instrumento dos esquemas de poder, Foucault entende que, para cumprimento da meta de tornar os sujeitos produtivos, diversos espaços acabaram funcionando como agentes de “normalização”, a exemplo dos manicômios, das penitenciárias e, também, das escolas. Nos espaços escolares, este fato é ainda hoje perceptível, tanto no que tange ao disciplinamento dos corpos, como também das subjetividades dentro da métrica sectária do racionalismo cartesiano nascente no século XVII e reatualizado no transcurso dos séculos seguintes. Esta situação produziu refrações no sistema educacional brasileiro, uma vez que o racionalismo, o higienismo e o etnocentrismo também contribuíram para criar aqui um modelo educacional dentro das prerrogativas uniformizadoras e normalizadoras do civismo ocidental. Por isso cisões binárias, como certo/errado, bem/mal, eles/nós, civilizado/incivilizado, normal/anormal etc., se serviram do racionalismo monolítico eurocêntrico para legitimar sistemas de exclusão/inclusão na égide da modernidade ocidental.

Por outro lado, quando chamamos o contexto pós-Segunda Guerra de pós-moderno, não queremos tratá-lo como antítese da modernidade a que nos referimos no parágrafo anterior; na verdade, apenas estamos sinalizando para o fato de que, aliado à inserção de novas variáveis, ocorreu uma agudização das ambiguidades inerentes ao sistema, fato que tem provocado sua contínua desestabilização. Pelo conceito de pós-modernidade, destacamos a insuficiência do racionalismo moderno disciplinador, lembramos da eclosão de grupos outrora invisibilizados dos espaços de relevância política, tratamos das culturas guetificadas que as escolas não conseguem mais ignorar e, não menos importante, consideramos o contexto de estímulos sensoriais pós-modernos e das experiências estéticas fugidias que exigem novas formas de educar para novas possibilidades de aprender.

A convergência dos fatores acima elencados tem exclamado o fato de que a educação precisa ser repensada fora da ideia monolítica, que entende “o homem”

como sujeito coerente e unitário na órbita etnocêntrica cartesiana. Este dilema veio à tona na segunda metade do século XX, quando a humanidade viu ruir o mito do progresso e a promessa redentora da modernidade, já que este mesmo racionalismo tinha sido posto ao serviço da hegemonia do capital, acentuando a devastação do meio ambiente, aprofundando a desigualdade social e resultando guerras sangrentas mediadas por tecnologias. Trata-se, portanto, de uma perda de referenciais, fato que provocou uma desesperança sobre o futuro e desencanto com a barbárie do passado, restando, então, o presente como refúgio hedônico para pacificar a crise dos referenciais. Neste panorama de transformações intelectuais e comportamentais, o pós-1960 também é marcado pela reconversão do processo produtivo e ampla massificação das tecnologias de comunicação (era da informação), inundando a sociedade com estímulos sensórios carregados de afeto e seduzindo sujeitos para aquisição de mercadorias de durabilidade cada vez menor.

Obviamente não queremos reduzir a subjetividade humana como mero produto dos ditames do capital, mas é válido salientar que a maximização de apelos sensórios por meio dos circuitos de mídia visou adentrar a subjetividade e mobilizar os sujeitos pela inserção do consumo como parte fundamental dos modos de pertencimento e existência social. Assim, mercadorias foram se tornando cada vez mais transitórias, participando mais ativamente da composição de identidades efêmeras e criando novas formas de sociabilidade muito mais mediadas pela experiência estética e pela frivolidade (MAFFESOLI, 2004).

Por meio desta breve caracterização do contexto histórico pós-moderno ficam nítidos alguns desafios postos à educação na contemporaneidade. Isso porque a educação em espaços formais ainda apresenta fortes refrações do caduco “sujeito cartesiano” do Iluminismo, colidindo com desafios pautados à educação na pós-modernidade, que vão desde a desestabilização de filiações e colapso de identidades, até o tráfego descomunal de discursos nos espaços virtuais de sociabilidade.

Por isso, há necessidade de um processo pedagógico que proponha educar os sujeitos no contexto do capitalismo pós-industrial que, como lembra Preciado (2018, 2020), por implicar num processo de adestramento de corpos e afetos segundo esquemas ideológicos, torna urgente construir meios de emancipação cognitiva com fins de fomentar novos processos antagonistas e novas formas de resistência.

No que tange ao ano de 2020 (recorte temporal desta pesquisa), é útil chamar atenção para algumas especificidades. Santos (2020) nos lembra que a pandemia apenas clarificou a crise conjuntural já em curso no sistema capitalista, o que acabou escancarando as fragilidades de políticas neoliberais. Por conseguinte, a sensação de vulnerabilidade, desproteção e perda de referências (processos já em curso desde o século XX) eclodiram numa epidemia de ansiedade, mal-estar e orfandade emocional. E, dentre os sujeitos que integram os espaços educativos, não foi diferente, pois, muito prontamente, diversas instituições de ensino (sobretudo privadas) implantaram um modelo remoto de educação, remasterizando o racionalismo cartesiano de outrora e acirrando o processo já em curso de precarização do trabalho docente. Em suma, embora não tenhamos dados empíricos concisos para dar conta de um panorama ainda em curso, podemos partir da hipótese de que falar da chamada educação remota emergencial neste biênio 2020/2021 gera desconfortos entre professores e alunos que foram jogados num sistema deveras perverso.

Dentre os professores ficou a sensação de que as tecnologias foram postas tão somente a favor dos jogos de poder, com sorrateiro desprestígio do trabalho docente; fato que acabou endossando ideias redutivas sobre suas potencialidades pedagógicas. Dentre os alunos, as horas exaustivas de aulas presenciais agora se tornaram remotas com novos requintes de crueldade: se antes seus corpos, suas contradições e suas subjetividades eram ignorados na escola, agora seu corpo e sua gestualidade inexistem e os poucos adereços que serviam para notabilizar suas subjetividades

foram trancafiados em casa. Evidentemente, a educação remota emergencial está longe de inaugurar os problemas que compõem o sistema educacional brasileiro, ela apenas suplementou as incongruências já existentes e, portanto, recriou a oportunidade de problematizar questões herdadas do cartesianismo na educação.

Para pensar nestas questões, o presente artigo trata do curso de “Desenho Didático”, imbuído do papel de preparar docentes para lidar com a nova configuração da educação no formato *online*. A ideia foi recorrer a alguns conceitos da educação a distância (considerando-a como modalidade específica e sustentada por amplo aporte teórico-metodológico) para pensar na educação *online*. Dentre os conceitos da EaD utilizados, o desenho didático *online* envolve prática do planejamento, materialidade da ação e avaliação (SANTOS; SILVA, 2009), fato que requer o entendimento do perfil dos discentes, percepção da interface mais adequada para realização das atividades, bem como a contínua adequação das estratégias de avaliação e interação.

Assim sendo, a implementação do curso “Desenho Didático *Online*”, realizado na modalidade a distância, teve por objetivo apresentar aos professores as potencialidades de algumas estratégias para o planejamento e desenvolvimento das aulas *online*. A abordagem destes temas levou em consideração condições ideais para realizar os processos educativos, muito de acordo com o que sugere a literatura que trata da educação a distância. Aspectos como número de alunos nas aulas, acesso e orientação para uso das tecnologias, além das condições adequadas de acesso e tempo para planejamento foram considerados elementos fundamentais para desenvolvimento do desenho didático. Por isso, este curso não visou tratar do tema, a despeito do processo de precarização do trabalho docente; pelo contrário, visou considerar a qualidade da ação pedagógica como variável primordial para execução da proposta pedagógica aqui tratada.

Portanto, reconhecendo o acirramento das contradições que historicamente compõem a educação brasileira, tão aclaradas em tempos de crise, o desenho didático foi apresentado como potência pedagógica no sentido de criar oportunidades de entender os novos modos de cognição e novas formas de subverter os esquemas de poder. Ao entender as especificidades de seus alunos e construir um desenho didático dentro de uma proposta crítica, o professor se torna agente desestabilizador da herança racionalista cartesiana na educação e oportuniza a criação de condições para a emancipação cognitiva e intelectual dos discentes. Ademais, ao estimular a exploração das potencialidades pedagógicas dos espaços virtuais, cria-se condições de pautar as linguagens e os discursos que trafegam na sociedade contemporânea para fins de emancipação. Afinal, não podemos dizer que partimos da realidade dos alunos numa pedagogia de inspiração freiriana, se continuamos desprezando os novos modos de cognição e sociabilidade que despontam como alternativa de mobilização e resistência na pós-modernidade.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se configura como uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, realizada como um estudo de caso observacional no curso Desenho Didático *Online*, ofertado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) para a comunidade de professores e técnicos da instituição, durante o mês de agosto de 2020, como parte do Programa Formação para as Tecnologias Digitais com vistas o desenvolvimento de competências digitais frente às demandas da pandemia Covid-19. De acordo com Triviños (2006), o estudo de caso na pesquisa qualitativa caracteriza-se pela análise do ponto de vista dos dados que apresenta e, quando pertinente, pela utilização de estatística simples.

Juntamente com a observação participante, os dados analisados também contaram com a pesquisa documental realizada no Ambiente

Virtual de Aprendizagem (AVA) do supracitado curso, especificamente no questionário utilizado para a avaliação do curso, embasado na aplicação da técnica *Experience Sampling Method* (ESM). O questionário *online* contou com 10 (dez) questões, sendo 9 (nove) com respostas objetivas e 1 (uma) dissertativa, tendo sido respondido por 97 (48,0%) participantes do curso, do total de 202 (duzentos e dois) inscritos.

Além da estatística descritiva, implementamos a análise de conteúdo nos comentários inseridos pelos respondentes no formulário de avaliação, visando “pôr em evidência a respiração de uma entrevista não diretiva”, conforme proposto por Bardin (2016, p. 37). Neste sentido, buscamos atingir o “nível de desconstrução das falas, fundamental para entrar nos meandros da informação disponibilizada”, no dizer de Demo (2005, p. 122).

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A convergência entre o marco teórico explicitado neste artigo e o método por nós implementado para o desenvolvimento desta pesquisa nos permite aproximar os sujeitos pesquisados num contexto histórico recente. Considerando o fato de que os participantes do curso que aqui tratamos sejam majoritariamente professores da educação superior, logo, é possível considerar que suas trajetórias profissionais, somadas ao período de formação, estiveram inscritos num cenário de acirradas mudanças na configuração política, econômica e cultural da sociedade pós-moderna. Se levarmos em conta, por exemplo, este transcurso de séculos (do século XX para o século XXI), como período fortemente marcado pela ampliação e popularização de tecnologias, em simultaneidade com rápidas transformações na dinâmica sociocultural dos sujeitos, será possível, então, entender que nossos cursistas interpretam as tecnologias a partir de sentimentos ambivalentes sobre suas possibilidades educativas. Afinal, estamos tratando de uma geração de docentes que, majoritariamente, não teve os espaços

virtuais como referência educacional em suas trajetórias formativas, fato que agudiza a crise de pertencimento e afiliação para com a realidade que se afigura no atual cenário. Como parte de uma ampla dinâmica social e histórica em curso, a mudanças de paradigmas impostas pelas emergentes tecnologias à educação se somam ao colapso de referências e à crise de identidades que, de algum modo, desestabiliza os sujeitos envolvidos pela educação.

A angústia implícita no discurso de muitos professores no decorrer desta pandemia em 2020/2021 tem razão de existir. De um lado, docentes conviveram com processos de precarização da educação em curso no Brasil desde a segunda metade do século XX; de outro, as tecnologias digitais despontam como agentes potencializadores desta ideologia neoliberal. As associações entre tecnologias e precarização do trabalho docente acabam, então, sendo inevitáveis, fato que criou insatisfações e que geram ruídos na interpretação da força didática contida nas variadas interfaces digitais. Vale ainda acrescentar que os próprios reajustes impostos pela pandemia tiraram as tecnologias de um lugar “voluntarista”, pondo-as dentre o rol de recursos didáticos fundamentais à prática docente: agora não saber utilizar a interface de videoconferência do *Google Meet*, por exemplo, se torna tão grave quanto não conseguir escrever no quadro negro.

Cientes destas questões, o curso “Desenho Didático *Online*” já se colocava diante de um desafio: tratar das potencialidades educativas da educação, realçada pelo *design* educacional, num cenário de precarização do trabalho docente e (des)construção de estigmas sobre o papel das tecnologias neste processo. Admitimos também o fato de que o *design* didático deve levar em consideração os processos cognitivos imbricados num contexto de fluxos imagéticos e estéticos que, altamente carregados de afeto, impactam os modos como novas gerações interagem com o conhecimento. Isso também implica em sensibilizações por parte de docentes sobre a necessidade de criar novas abordagens e novas estratégias de inteligibilidade do saber.

Para proceder às discussões, julgamos apropriado, inicialmente, compreender quem são os sujeitos pesquisados e como avaliaram o desempenho no curso ao qual nos referimos. Dentre os cursistas respondentes, observamos a presença majoritária feminina (58,8% de mulheres e 41,2% de homens), que, em termos gerais, avaliaram o curso positivamente, isto é, 78 pessoas (84,4%) atribuíram notas entre 9 e 10 ao curso. No Quadro 1 observamos outros dados que revelam a avaliação dos

participantes e, quando somamos as colunas daqueles que concordam e concordam totalmente, percebemos que a expectativa foi atendida na opinião da grande maioria (96,6%). Também observamos outras abordagens positivas, como: os conteúdos apresentados foram relevantes para a implementação do desenho didático *online*, na opinião de 96,6% dos respondentes; e ocorreu interação entre teoria e prática segundo 90,8% dos respondentes.

**Quadro 1** - Avaliação do curso pelos docentes participantes

Item avaliado	Concordam	Discordam	Não concordam, nem discordam	Concordam totalmente	Discordam totalmente
Atendimento às expectativas	43 (44,3%)	1 (1,0%)	2 (2,1%)	51 (52,3%)	0
Conteúdos relevantes para o desenho didático	43 (44,3%)	1 (1,0%)	2 (2,1%)	51 (52,3%)	0
Articulação dos objetivos com as atividades	34 (35,1%)	0	3 (3,1%)	60 (61,9%)	0
Navegabilidade no ambiente virtual	34 (35,1%)	5 (5,2%)	11 (11,3)	46 (47,4%)	1 (1,03%)
Atratividade das interfaces digitais disponibilizadas	33 (34,02%)	1 (1,0%)	7 (7,2%)	56 (57,3%)	0
Interação entre teoria e a prática.	41 (42,3%)	1 (1,0%)	8 (8,3%)	47 (48,5%)	0
Promoção da atitude reflexiva	30 (30,9%)	0	3 (3,1%)	64 (65,9%)	0

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Os dados revelam os desafios da formação docente no contexto do capitalismo pós-industrial em meio à pandemia Covid-19. A proposta do curso de fomentar a emancipação cognitiva dos participantes mostrou-se assertiva, em oposição ao mero adestramento ideológico dos sujeitos, no dizer de Preciado (2020). Deveras, o processo formativo

do curso foi capaz de promover a atitude reflexiva, conforme apontado por 96,8% dos participantes, fato este que nos leva a entender que ainda existe um otimismo sobre as possibilidades educativas das tecnologias abordadas no curso. Acreditamos também que parte fundamental do desafio de desconstruir barreiras sobre as tecnologias aplicadas à

educação foi cumprida neste curso, uma vez que a promoção da atitude reflexiva, como apontado pela maior parte dos cursistas, sinaliza para uma educação emancipatória como possibilidade factível num contexto de atividades *online*. Inspirados nestas constatações, podemos acrescentar que os modos de resistência não, necessariamente, precisam ocorrer fora dos mesmos sistemas em que está imbricado, isto é, resistir à precarização do trabalho docente agudizada pelas tecnologias não exige negar o fato de que a militância pode se servir das mesmas interfaces digitais que problematiza. Lutar contra a precarização docente não pode ser confundido como lutar contra as tecnologias.

E, pela resposta dos cursistas, parece haver um quase consenso de que tais interfaces digitais podem, e devem, ser incorporadas a modos revolucionários de pensar a educação que criem novos processos cognitivos.

No tocante às principais dificuldades apontadas pelos participantes destacam-se a administração do tempo (32%) e questões técnicas, tais como trabalhar com a plataforma e acesso à internet (20,8%). Dados semelhantes também foram apresentados pela pesquisa do Instituto Península (2020) e revelam os dilemas dos professores ao conciliar sua administração do tempo com outras atividades e ainda lidar com as eventuais lacunas em suas competências digitais.

**Tabela 1** - Percepções dos docentes cursistas sobre o curso Desenho Didático Online

Categorias	Frequência <sup>[1]</sup>	Percentual %
Curso proveitoso e importante, que proporcionou novas aprendizagens	66	56,8%
Dificuldades na administração do tempo para realizar o curso	12	10,3%
O curso auxiliou e muito no planejamento do semestre letivo suplementar da UFRB	10	8,6%
Reclamações diversas (pouco tempo para atividade, atividades não adequadas e propostas confusas, encontros síncronos exaustivos, tiveram dúvidas e não foram retiradas)	5	4,3%
Curso muito didático	4	3,4%
Apresentaram problemas com o Ambiente Virtual de Aprendizagem	4	3,4%
Esperavam que o curso fosse mais prático e menos teórico	3	2,5%
Gostariam de ter tido um maior feedback das atividades	2	1,7%
Apresentaram dificuldades técnicas e operacionais	2	1,7%
Sentimento de frustração por não ter conseguido concluir dois cursos de formação continuada concomitantemente	1	0,8%



Relataram pouca interação entre os participantes	1	0,8%
Relataram dificuldades em interagir nos fóruns, principalmente pela quantidade de pessoas em cada turma	1	0,8%
Precisam colocar em prática o que foi aprendido no curso	1	0,8%
Não teceram nenhum comentário	4	3,4%
Total	116	100%

A frequência se refere à quantidade numérica em que os respondentes mencionaram a categoria específica. Assim, um mesmo respondente pode ter mencionado duas ou três categorias ou até mesmo a mesma categoria reiteradas vezes.

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

O questionário de avaliação contemplava uma questão aberta para que os respondentes registrassem livremente seus comentários relacionados à sua experiência no transcorrer do curso. Nas Tabelas 1 e 2 apresentamos as categorias resultantes da análise de conteúdo realizada nas respostas fornecidas.

Ao analisar a Tabela 1 novamente percebemos que, não obstante, uma parte significativa relata dificuldades no gerenciamento do tempo (10,3%). Já a maioria avaliou o curso como sendo muito proveitoso e importante, proporcionando novas aprendizagens (56,8%) e auxiliando muito na organização e planejamento dos componentes curriculares no semestre letivo remoto a ser ofertado pela UFRB aos estudantes (8,6%). Alguns respondentes assim se posicionaram:

*Excelente Curso! Estamos tendo uma oportunidade incrível de nos reinventarmos e nos readaptarmos a todos este novo cenário que nos é apresentado. Muito Obrigado pela oportunidade. (Respondente 3)*

*O curso atendeu às minhas expectativas e contribuiu de forma prática e objetiva a construção da metodologia pedagógica que irei aplicar nas aulas remotas no semestre suplementar da UFRB. Assim como ampliou o campo de minhas ações pedagógicas, visualizando outras ações*

*não imaginadas. Parabéns a toda equipe SEAD e a professora pelo contato e dedicação ao curso. (Respondente 8)*

Assim, neste contexto de pandemia que nos proporciona o (re)fazer de nossas práticas em tempo curto, rápido e célere, os docentes da UFRB reafirmam a importância da formação continuada em meio a uma sociedade repleta de informações, tutoriais e aplicativos. Os docentes colocam a importância da reinvenção pedagógica a ser construída na sociedade da informação e do conhecimento, mas também da aprendizagem. Entretanto, Alarcão (2011) nos chama à reflexão de que “[...] não há conhecimento sem aprendizagem. [...] A informação, se não for organizada, não se constitui em conhecimento, não é saber, e não se traduz em poder” (p. 17).

Outra questão importante é o fato de que 97% dos respondentes informaram que o curso atendeu satisfatoriamente às suas expectativas. Ora, apesar de este dado ser fundamental para avaliação do curso, não podemos entendê-lo como critério avaliativo suficiente para estruturação de eventuais módulos futuros desta atividade. Sobre isso, baseamos nas ideias de Imbernón (2011, p. 74) para lembrar que a formação permanente não pode se restringir à mera

oferta de novos conhecimentos científicos, ela deve principalmente ofertar “processos relativos a metodologias de participação, projetos, observação e diagnóstico dos processos, estratégias contextualizadas, comunicação, tomada de decisões, análise da interação humana”. Logo, para além da necessidade de apresentar novos saberes, o desenho didático necessita ser estruturado levando em conta aspectos outros, como estes tratados pelo autor, fato que aprofunda a complexidade da organização do percurso didático.

A partir destas reflexões, é possível perceber que nem todos tiveram experiências exitosas, pois alguns poucos relataram dificuldades no manejo com o Ambiente Virtual de Aprendizagem (3,4%), frustração em não poder concluir dois cursos de formação de modo ofertados concomitantemente (0,8%),

sentiram falta de uma maior interação entre os participantes (0,8%) ou mesmo de uma devolutiva pedagógica sobre as atividades desenvolvidas por eles (1,7%).

Esses dados apontam para aspectos que devem ser considerados e ponderados pela equipe pedagógica para fins de aperfeiçoamento contínuo do curso em sua próxima edição. Para comprovar o que afirmamos, vale salientar que 25% dos respondentes solicitaram acréscimo de outro módulo para este mesmo curso e 8,3% dos entrevistados recomendaram a oferta de novos cursos. Além disso, como evidente na Tabela 2, 66,6% dos respondentes requisitaram a ampliação da carga horária para realização das atividades propostas no curso, fato que evidencia o desejo dos professores cursistas pelo desenvolvimento das competências tratadas neste curso.

**Tabela 2** - Sugestões dos docentes cursistas ao curso Desenho Didático *Online*

Categories	Frequência	Percentual %
Solicitação de mais carga horária para realização das atividades propostas pelo curso	8	66,6%
Solicitação de novo módulo do mesmo curso	3	25%
Solicitação de novos cursos	1	8,3%
Total	12	100%

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

As sugestões reveladas pelas categorias de análise resultantes das respostas dos docentes não se opõem aos demais dados coletados no Quadro 1; na verdade, as informações se complementam porque, ambas, sinalizam para o desejo de aprimorar aprendizagens pela preocupação com a melhoria da qualidade do curso. Além disso, o fato de os professores cursistas desejarem um novo módulo do mesmo curso comprova o fato de estarem reconhecendo uma demanda apontada na educação que exige

o desenvolvimento de competências que os munam no enfrentamento de novos desafios na prática pedagógica. Embora identifiquem e façam oposição ao jogo de forças neoliberais oportunistas em tempos de crise, os docentes respondentes também admitem precisar de outras interfaces tecnológicas que criem oportunidades de aprendizagem frente novos processos cognitivos em tempos pós-modernos. Por meio das respostas aos questionários que aplicamos, tornou-se evidente o fato de que,

no epicentro da precarização do trabalho docente orquestrada pela hegemonia do capital, parte expressiva dos professores se mantém interessada em sincronizar sua prática pedagógica com as novas interfaces digitais ofertadas à prática educativa.

Outra observação importante para o objeto deste artigo é o fato de que os cursistas tenham avaliado positivamente o desenho didático do curso, ou seja, 91,5% dos respondentes consideraram a utilização de interfaces digitais atrativas e 82,5% avaliaram o ambiente virtual como responsivo. Conquanto exista um percentual significativo de 20,8% dos respondentes que admitiram encontrar dificuldades técnicas (tais como trabalhar com a plataforma e dificuldade de acesso à internet), parece-nos fundamental observar que o desenho didático aqui tratado pode servir de motivação ao exercício didático dentre os cursistas. Com isso salientamos que a legibilidade das informações e o sequenciamento de saberes precisam estar alinhados com o escopo da proposta formativa, fato que inspira a apreensão do desenho didático como parte primordial da prática educativa.

Por fim, percebemos que, em sua maioria, os docentes demonstraram uma postura reflexiva diante do seu processo formativo, participando nas atividades propostas além de apontar oportunidades de melhorias. É animador observarmos o comprometimento dos professores respondentes no seu processo formativo, reconhecendo-se como seres inacabados, no dizer de Freire (1996). A postura crítico-reflexiva demonstrada pelos professores pesquisados nos enche de esperança, pois, como assevera Harari (2018, p. 319), compreendemos que a “mudança é a única constante” no campo da educação, especialmente diante das incertezas radicais impostas pela conturbada pós-modernidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia Covid-19 ajudou a expor as incongruências da sociedade pós-moderna, revelando o lado mais perverso das forças

capitalistas neste início do século XXI. Em meio à crise pandêmica, no campo da educação as instituições de ensino tiveram que aligeirar a formação de professores visando a continuidade dos processos de ensino e aprendizagem nos ambientes virtuais. Todavia, não se tratava da mera transposição das práticas pedagógicas realizadas presencialmente para os espaços *online*, pois o ciberespaço possui especificidades que não podem ser desapercibidas.

Nesse contexto disruptivo, este estudo avaliou a percepção dos docentes participantes no curso Desenho Didático *Online*, oferecido pelo Programa de Extensão Formação em Tecnologias Digitais para a Comunidade UFRB. Constatamos que o curso proporcionou uma atitude reflexiva (96,8%) ao mesmo tempo que articulou a teoria com a prática (90,8%). Como principais oportunidades de melhorias foram apontadas a necessidade de ampliação dos prazos para a realização das atividades (66,6%), além das dificuldades dos participantes com a administração do tempo (32%) e questões técnicas relacionadas com o ambiente virtual de aprendizagem e acesso à internet (20,8%).

Os dados coletados nos permitem concluir que re(fazer) as práticas pedagógicas com a celeridade exigida pela pós-modernidade em tempos de pandemia demandam a capacidade docente de reinventar-se dia após dia em meio à enxurrada de informações com que se defronta. Neste sentido, o planejamento do desenho didático assume crucial importância no fazer pedagógico *online*, exigindo dos professores o desenvolvimento de competências digitais crítico-reflexivas capazes, sobretudo, de dar conta das convulsões desta modernidade líquida caracterizada pela precarização do trabalho docente, no contexto de um capitalismo perverso e cada vez mais hegemônico.

Finalmente, lembramos de Bell Hooks (2013, p. 224) que, em referência ao processo de colonização, cita Rich para nos avisar: “Esta é a língua do opressor, mas eu preciso dela pra falar com você”. A autora se refere ao fato de que a apropriação dos espaços formativos, intelectuais, políticos e sociais ocorre pela

mediação da linguagem e simultânea negociação com os códigos de poder nela presentes. Se pensarmos que os códigos cifrados de comunicação estão imbricados em relações assimétricas de poder e que, mesmo assim, podemos criar possibilidades de confrontamentos; logo, é possível contestar a recusa deliberada das tecnologias aplicadas à educação justificada pelo pessimismo paralisante. De fato, as tecnologias não podem ser analisadas fora dos esquemas de poder, no entanto, é válido lembrar que, ao adensar o trânsito de imagens, tendências, estéticas, desejos, discursos etc., os espaços virtuais contribuem para deslocar significados e, por isso, ajudam a rasurar as fronteiras impostas pelo pensamento dualista legado pelo racionalismo etnocêntrico.

Assim, põe-se à educação um cenário de aprofundamento de paradoxos em meio ao aprofundamento das desigualdades em tempo de pandemia, põem-se também todas esta mescla de ansiedades e desesperanças impostas pelo isolamento social, mas, também, põe-se a potência transgressora da linguagem e da comunicação mediada pelos espaços virtuais. A análise das entrevistas e questionários nos deixou uma constatação: a coexistência de diferentes interpretações sobre as emergentes tecnologias na educação revela o biênio 2020/2021 como marcador histórico de mudanças substanciais para o sistema educacional brasileiro, tanto pelas angústias e nebulosidades nele implícitos, como pela presença obstinada de sujeitos que lutam/resistem/existem por intermédio da educação.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- DEMO, P. **Metodologia da investigação em educação**. Curitiba: Ibpex, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FOUCAULT, M. O olho do poder. *In: Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HOOKS, B. A língua: ensinando novos mundos/novas palavras. *In: HOOKS, B (org.). Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins e Fontes, 2013, p. 223-234.
- IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- INSTITUTO PENÍNSULA. **Relatório de Pesquisa: sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil. Estágio intermediário, maio de 2020**. Disponível em <https://bit.ly/2S6XJEL> Acesso em 22/10/2020.
- MAFFESOLI, M. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica Ed., 2004.
- PRECIADO, P. Aprendendo com o vírus. **Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB**. Campinas, Seção Geral, 28 de março de 2020. Disponível em <http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/> Acesso em 22/10/2020.
- PRECIADO, P. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 Ed., 2018.
- SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.
- SANTOS, E.; SILVA, M. O design didático interativo na educação online. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, n. 49, p. 267-287, 2009. Disponível em <https://>

rieoei.org/historico/documentos/rie49a11.pdf Acesso em 22/10/2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.

Recebido em 31 de maio de 2021

Aceito em 27 de agosto de 2021